
MÚSICA

24 FEVEREIRO '07

McCOY TYNER
TRIO

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 24 FEVEREIRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 COM INTERVALO

Piano McCoy Tyner
Contrabaixo Gerald Cannon
Bateria Eric Kamau Gravatt

O piano «orquestral» de McCoy Tyner

Manuel Jorge Veloso

Quando se pensa na instrumentação do jazz, qualquer que seja a fase considerada da sua história, certamente que o trompete ou o saxofone se encontram entre os instrumentos que, de forma imediata e quase automática, nos vêm à mente como intimamente associados a este domínio musical e à sua própria imagética sonora e visual; para já não falarmos da bateria, essa engenhosa e exclusiva invenção do jazz, enquanto completa e conjugada panóplia de múltiplos dispositivos percussivos a cargo de um único músico.

Não podemos entretanto esquecer que já desde os primórdios do jazz – se nos recordarmos, por exemplo, de extraordinários espécimes musicais pertencentes ao domínio do *ragtime* – o piano se fez anunciar com fortíssimas possibilidades de vir a ser (como na realidade é) um dos

mais importantes e decisivos protagonistas desse amplo e diversificado instrumental do jazz, propriamente dito, capaz de fazer brilhar melodias, ampliar harmonias ou estabelecer e «impor» padrões rítmicos irresistíveis, através das suas capacidades também percussivas.

Bafejados pela benesse dos requintados pianos de cauda das reputadas salas de concertos ou, pelo contrário, sujeitos mais amiúde a instrumentos quantas vezes indesejáveis – desde a pobre amplitude sonora dos modelos verticais até à crónica desafinação dos pianos de clube ou mesmo de estúdio, documentada em tantas e tantas gravações de referência – sempre os pianistas se perfilaram como dos mais influentes elementos de um grupo de jazz.

Não deixa de ser significativo constatar, a propósito, que essa relevância

se torna mais evidente, precisamente, quando o piano não está presente, quando não é aquele dado adquirido em que quase já não reparamos. Na nossa memória de jazzófilos, muitos de nós recordamos exemplos flagrantes desta constatação, em que a ausência de um apoio harmónico explícito e regular torna muito mais exigente a implícita interiorização dos acordes de tal ou tal peça por parte dos solistas melódicos em presença. Casos como, entre outros, o património gravado nos longínquos anos 50 e que nos foi deixado pelo quarteto de Gerry Mulligan ou pelo trio de Sonny Rollins (ambos sem piano), para apenas sublinhar dois especialmente fascinantes.

Por maioria de razões, consideradas as múltiplas capacidades expressivas (já abordadas) do instrumento que escolheram, também os pianistas puderam sempre mais naturalmente exprimir-se em solo absoluto, bastando-se e desafiando-se a si próprios em situações performativas de grande exigência e risco, por isso mesmo almejadas por qualquer bom pianista de jazz que se preze. Quem não recordará, a propósito, entusiasmas e intemporais recitais a solo de dois extraordinários pianistas como Keith Jarrett ou, nos nossos dias, Brad Mehldau?

Interessante é ainda verificar que uma das formações instrumentais mais clássicas e expandidas em toda a história do jazz teve origem na independência reivindicada pela chamada «secção rítmica» – tipicamente: piano, contrabaixo e bateria – face a formações instrumentais mais alargadas, recusando meras funções de

acompanhamento e constituindo um pequeno trio instrumental capaz de uma crescente identidade sonora, ainda para mais tornada multifacetada pela diversidade e interação de iniciativas que, nos melhores casos, cada um dos seus membros consegue assumir.

É a audição de um desses trios que o concerto de hoje nos vai proporcionar. E logo o trio do veterano e experiente McCoy Tyner, lenda viva do próprio jazz, cuja história ajudou a fazer avançar ao lado de um génio como John Coltrane! Pianista de currículo vastíssimo – desenvolvido noutro local desta folha de sala – e protagonista principal de extensa e valiosa discografia, com mais de 80 títulos em nome pessoal, Tyner é ainda um compositor dos mais fecundos em todo o jazz, a ele se ficando a dever para cima de duas centenas e meia de temas e peças originais.

Senhor de apurada técnica instrumental e exuberante capacidade de improvisação, McCoy Tyner foi, a par de Bill Evans, o criador de uma das duas escolas pianísticas mais importantes e duradouras do jazz posterior a 60. Na realidade, excluindo alguns pianistas que continuam hoje a optar pela reprodução pura e dura de uma linguagem típica do *bebop* ou aqueles que perfilham ainda a(s) estética(s) do *free jazz* ou da improvisação livre, pode afirmar-se que os dois troncos fundamentais do piano-jazz moderno – com as contaminações, cruzamentos, actualizações e desenvolvimentos não lineares que a própria evolução do jazz veio a conhecer em termos gerais – continuam a ter como principais arquétipos e mentores estes dois grandes mestres.

Característica amplamente reconhecida na estética pianística de McCoy Tyner é o seu apego aos *blues* e à matriz afro-americana do jazz mas também (na sequência de tudo o que viveu e experimentou nas fileiras do quarteto de John Coltrane) um crescente interesse, já como líder, na incorporação de elementos culturais da própria música africana, quando não no fascínio pelos modos e padrões rítmicos da música oriental; o que não exclui a sua conjuntural referência e evocação (hoje mais presente) da tradição clássica do jazz.

Com um jogo pianístico fortemente sincopado que a especial utilização da mão esquerda lhe confere através das acentuações de acordes tantas vezes inesperadas e um desenvolvimento deambular melódico que o exuberante *staccato* da mão direita lhe permite, McCoy Tyner torna-se imediatamente reconhecível – nesse sentido se caracterizando por uma notória e notável originalidade – através da forma única como faz soar por inteiro o seu piano, nele valorizando inusitadas capacidades «orquestrais» e assim construindo momentos de imparável crescendo emocional, numa sequência e transposição natural de outras facetas da sua personalidade musical: a de compositor para a formação de noneto, conjuntos de cordas, *big band* ou amplas massas corais.

Fevereiro, 2006



McCoy Tyner nasceu em 11 de Dezembro de 1938 em Filadélfia. Os seus pais estimularam-lhe o gosto pela música desde muito novo. A sua mãe encorajou-o a estudar piano. A princípio tocava no instrumento de um vizinho, mas quando a família lhe comprou um piano, vários jovens amigos seus vinham tocar com ele: o trompetista Lee Morgen, o saxofonista Archie Shepp, o pianista Bobby Timmons, o contrabaixista Reggie Workman, entre outros. Bud Powell, Art Tatum e Thelonious Monk eram as suas principais influências. McCoy estudou na West Philadelphia Music School e mais tarde na Granoff School of Music.

Tinha dezassete anos quando, tocando num clube de Filadélfia encontrou John Coltrane, ao tempo integrado na banda de Miles Davis. O saxofonista, cujo estilo estava ainda em formação, e com uma reputação em crescimento, não tinha nenhum grupo seu, mas tocava ocasionalmente com alguns músicos, entre os quais Tyner. O entendimento

entre ambos era tão grande que Coltrane tornou claro que um dia, quando tivesse a sua banda, gostaria de contar com ele.

Em 1960 Coltrane deixa Miles e forma o seu próprio grupo. Tyner participou nele desde o início. O quarteto, que também contava com o baterista Elvin Jones e o contrabaixista Jimmy Garrison, tinha uma química extraordinária, em parte alimentada pela relação quase familiar de Tyner com Coltrane. McCoy participou em numerosas gravações históricas deste quarteto, como *My Favorite Things*, *Africa Brass*, *Live at Village Vanguard*, *Impressions* e *A Love Supreme*.

Entre 1960 e 1965 o nome de Tyner foi projectado internacionalmente por ter desenvolvido um novo vocabulário que transcendia os estilos de piano da época, fornecendo um suporte harmónico único e uma carga rítmica essencial ao som do grupo.

Mas nessa altura o pianista gravou também vários álbuns como líder para a editora Impulse! e, mais tarde, para a Blue Note.

Em 1965 deixou Coltrane para seguir a sua carreira como compositor e líder. De entre os seus projectos maiores inclui-se um álbum de 1967 intitulado *The Real McCoy* onde foi acompanhado pelo saxofonista Joe Henderson, pelo contrabaixista Ron Carter e por Elvin Jones na bateria. O seu álbum *Sahara*, para a editora Milestone, inovador pela utilização de sons e ritmos de África, foi nomeado para os Grammy em 1972 e designado pelo painel de críticos da revista *Down Beat*, “álbum do ano”.

A partir de 1980 passou também a compor arranjos para “big band” que apresentava em concerto e gravava

sempre que podia. No final dessa década dedicou-se sobretudo ao seu trio com Avery Sharpe no contrabaixo e Aaron Scott na bateria. Ainda hoje esse trio é muito solicitado. Em 1995 voltou a gravar para a editora Impulse! um álbum soberbo em que participou Michael Becker. Em 1996 gravou um álbum especial com música de Burt Bacharach. Em 1998 mudou novamente de editora e gravou, entre outros, um disco com Stanley Clarke para a TelArc.

Tyner assinou mais de 80 álbuns, ganhou quatro Grammys e foi nomeado em 2002 Jazz Master pelo National Endowment for the Arts.

As características da sua estética pianística, a contribuição fundamental que deu para a história do jazz, a forma como ainda hoje influencia gerações de músicos vêm sublinhadas no texto de Manuel Jorge Veloso incluído neste programa.

(adaptado de www.mccoytyner.com)

“Para mim, a vida e a música são a mesma coisa. Quanto mais aprendo sobre mim próprio, sobre o que me rodeia, sobre todo o género de coisas da vida, mais descubro sobre a música. Toco o que vivo. Por isso, como não consigo prever que tipo de experiências eu vou ter, não posso prever as direcções que a minha música vai tomar. Apenas quero escrever música e tocar o meu instrumento como sinto.

Não é fácil ser-se artista. Mas o que é fácil? Tudo o que vale a pena exige uma certa quantidade de energia, de dedicação. Sou feliz por ser um artista – preenche realmente a minha vida.”

MCCOY TYNER

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

JAZZ FEVEREIRO QUA 28

Memórias de Quem

João Paulo

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15

João Paulo Esteves da Silva nasceu em Lisboa, em 17 de Maio de 1961, numa família de músicos. Começou a tocar piano aos quatro anos de idade. Estudou na Academia de Santa Cecília e no Conservatório Nacional de Lisboa onde obteve o diploma do Curso Superior de Piano com a classificação máxima.

Com uma bolsa de estudos da Secretaria de Estado da Cultura foi completar a sua formação a Paris, no Conservatório de Rueil-Malmaison, onde esteve três anos obtendo as mais altas distinções (“Médaille d’Or”, “Prix Jacques Dupont”, “Prix d’Excellence”, “Prix de Perfectionnement”).

Terminados os estudos, permaneceu em Paris mais quatro anos, dando vários recitais em França e nos Estados Unidos, dos quais se salientam os de Nova Iorque no Carnegie Hall em 1986 e 1989.

Exímio instrumentista, a sua actividade reparte-se por vários géneros musicais, do jazz à música popular portuguesa, da música erudita ao fado.



Considerado um músico de jazz, tem sido, no entanto, convidado para interpretar, compor, ou orquestrar trabalhos de músicos dos mais variados quadrantes.

Sérgio Godinho, Vitorino, José Mário Branco, Fausto, Filipa Pais, Tomás Pimentel, Mário Laginha, Maria João, Pedro Caldeira Cabral, Ana Paula Oliveira, Carlos Martins, André Fernandes, Carlos Barretto, são alguns dos músicos com quem tem trabalhado. De entre as suas colaborações mais recentes, contam-se as orquestrações e acompanhamento no CD de Maria Ana Bobone, *Sra. da Lapa*, os arranjos da peça interpretada por Maria João Pires na gravação de *Mísia* ou a sua presença em *Sempre* de Carlos Martins.

No plano internacional tocou, entre outros, com músicos como John Stubblefield, Graham Haynes, Hamid Drake, Frank Cólón, Cláudio Puntin, Stephen Schon, Micahel Riessler e Peter Epstein.

O concerto desta noite baseia-se no seu novo CD, *Memórias de Quem*, a editar durante o presente mês de Fevereiro pela Clean Feed/Trem Azul.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos